

Arquivos e antropologias: reflexões sobre Gilberto Velho, Mariza Peirano e Roberto DaMatta em seus arquivos pessoais

Sílvia Monnerat^a



^a Professora Adjunta Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1466-6885>

Correo electrónico: silvia.monnerat@fgv.br

Recebido: 13 de janeiro de 2025. **Aprovado:** 23 de maio de 2025. **Publicado:** 15 de setembro de 2025

Resumo:

Este artigo apresenta os arquivos pessoais de três antropólogos brasileiros — Gilberto Velho, Mariza Peirano e Roberto DaMatta — com o objetivo de refletir sobre o trabalho antropológico desenvolvido por eles no Brasil e tendo como base a documentação acumulada por eles ao longo de suas trajetórias profissionais. A análise comparada desses arquivos, a partir de uma perspectiva antropológica, busca apresentar suas trajetórias acadêmicas e traçar um panorama geral sobre os documentos. Para tanto, será desenvolvido um relato sobre o contexto acadêmico vivido por eles. O artigo é dividido em duas partes: uma mais técnica e descritiva, apresentando os arquivos e as trajetórias dos antropólogos, e outra mais analítica, que explora algumas potencialidades interpretativas a partir da comparação entre os arquivos.

Palavras-chave:

Arquivos pessoais, antropologia no Brasil, etnografia de arquivos, metodologias de pesquisa, trabalho etnográfico com documentos

Archivos y antropologías: reflexiones sobre Gilberto Velho, Mariza Peirano y Roberto DaMatta en sus archivos personales

Resumen:

Este artículo presenta un análisis de los archivos personales de tres antropólogos brasileños — Gilberto Velho, Mariza Peirano y Roberto DaMatta —, con el objetivo de reflexionar sobre el trabajo antropológico que desarrollaron en Brasil y con base en la documentación que acumularon a lo largo de sus carreras profesionales. El análisis comparativo de estos archivos, desde una perspectiva antropológica, busca presentar sus trayectorias académicas y esbozar un panorama general de los documentos. Para ello, se presentará un relato del contexto académico que experimentaron, comprendiendo las elecciones teóricas y metodológicas de estos investigadores, reflexionando sobre cómo estas decisiones se manifiestan en sus obras y documentos personales. El artículo se divide en dos partes: una parte más técnica y descriptiva, que presenta los archivos y las trayectorias de los antropólogos, y una parte más analítica, que explora algunas potencialidades interpretativas basadas en la comparación entre los archivos.

Palabras clave:

Archivos personales, antropología en Brasil, etnografía de archivos, metodologías de investigación, trabajo etnográfico con documentos

Archives and Anthropologies: Reflections on Gilberto Velho, Mariza Peirano, and Roberto DaMatta through Their Personal Archives

Abstract:

This article presents the personal archives of three Brazilian anthropologists — Gilberto Velho, Mariza Peirano, and Roberto DaMatta — with the aim of reflecting on the anthropological work they carried out in Brazil, based on the documentation they accumulated over the course of their professional trajectories. A comparative analysis of these archives, from an anthropological perspective, seeks to outline their academic paths and provide an overview of the documents. To this end, an account of the academic context in which they worked will be developed. The article is divided into two parts: one more technical and descriptive, presenting the archives and the trajectories of the anthropologists, and another more analytical, exploring some interpretive possibilities arising from the comparison between the archives.

Keywords:

Personal archives, Brazilian anthropology, archival ethnography, research methodologies, ethnographic work with documents

Neste artigo serão analisados arquivos pessoais de antropólogos brasileiros, com base em documentos guardados por eles ao longo de suas trajetórias de vida. Os documentos que compõem os arquivos pessoais de Gilberto Velho, Mariza Peirano e Roberto DaMatta serão nosso referencial empírico para a realização de uma análise comparada, que busca, além de apresentar os três arquivos, levantar reflexões iniciais sobre o trabalho antropológico no Brasil, a partir da documentação destes três pesquisadores.

Ao apresentar suas trajetórias acadêmicas e traçar um panorama geral sobre os documentos que Gilberto Velho, Mariza Peirano e Roberto DaMatta acumularam ao longo de suas vidas, será desenvolvido um relato sobre o contexto acadêmico vivido por eles e uma reflexão sobre suas escolhas teóricas e metodológicas, analisando até que ponto elas se encontram impressas em suas obras e nos documentos que compõem seus arquivos pessoais.

Os documentos consultados possibilitam acessar os bastidores da produção científica, revelando formas de fazer, dilemas, redes de sociabilidade, processos de elaboração conceitual que, na maioria das vezes, se encontram ausentes das obras publicadas. Os cadernos de campo dos pesquisadores nos mostram o olhar interessado do pesquisador.

No caso de Velho (1968), vemos descrições detalhadas sobre a origem social dos moradores do prédio em Copacabana (Rio de Janeiro) que buscava etnografar. Com documentos que versam sobre o levantamento de dados, contendo fichas com sistematização de entrevistas e informações sobre os residentes, como: profissão, tempo de moradia no bairro e local de origem. Desenvolvendo um primoroso censo com a população local e elaborando desenhos dos ambientes, o autor relata situações vividas em campo, opiniões e sensações descritas a ele durante a pesquisa, Velho sistematiza essas informações em sua obra *A utopia urbana: um estudo de antropologia social* (1973), onde essas tabelas e dados não encontram um lugar central. Apenas nesses manuscritos, conseguimos entender melhor sobre as escolhas metodológicas do antropólogo e o contexto encontrado por ele durante seu trabalho de campo.

No caso de Peirano, a forma como o caderno de campo, intitulado por ela de *Caderno de campo/ideias Rio Parnaíba + desburocratização* (Peirano 1973), intercala dados empíricos com fichamento de textos teóricos, trazendo descrições de situações, eventos e pessoas com as quais conviveu durante sua pesquisa. Ao mesmo tempo, em que também elabora informações sobre a localização, alimentos e alimentação, perfil social dos interlocutores, cronogramas, relatos de entrevistas, política local, pertencimento ao sindicato e documentação, a autora demonstra seu fluxo de pensamento e como seu argumento foi se construindo, evidenciando como,

o lugar da pesquisa de campo no fazer da antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados, mas é um procedimento com implicações teóricas específicas. Se é verdade que técnica e teoria não podem ser desvinculadas, no caso da antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada. (Peirano 1995, 8).

Buscamos evidenciar aqui o quanto os arquivos pessoais assumem um lugar privilegiado para a compreensão sobre o fazer etnográfico, ao cruzar elementos da vida, da construção do pensamento e da produção acadêmica, demonstrando empiricamente

o processo de descoberta antropológica: uma descoberta que é um “diálogo”, não entre indivíduos — pesquisador e nativo — mas, sim, entre a teoria acumulada da disciplina e o confronto com uma realidade que traz novos desafios para ser entendida e interpretada; um exercício de “estranhamento” existencial e teórico, que passa por vivências múltiplas e pelo pressuposto da universalidade da experiência humana. (Ibid., 9).

Todos esses arquivos têm em comum o fato de terem sido doados por antropólogos brasileiros à Casa Acervo, ajudando a compor a linha de arquivos de cientistas sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (FGV CPDOC). Trabalhando na organização e catalogação destes três arquivos, busquei, a partir da experiência de trabalho com os documentos que os compõem (e como eles se relacionam entre si), refletir a respeito das trajetórias acadêmicas destes antropólogos; sobretudo no que diz respeito aos usos de seus cadernos de campo e da análise do material coletado por eles durante o desenvolvimento de suas pesquisas.

O processo de escrita deste artigo se delineou a partir das reflexões oriundas do processo de busca e organização dos documentos que compõem os arquivos. Cabe destacar, do ponto de vista metodológico, que a pesquisa se dividiu em três partes: 1) levantamento sobre as trajetórias e atuações profissionais dos três doadores com base em fontes secundárias (obras publicadas, entrevistas, registros institucionais) e nos próprios documentos pessoais; 2) leitura dos documentos que compõem o acervo pesquisado, com foco em cartas, cadernos de campo, anotações e outros registros produzidos ao longo das carreiras dos autores. Esse processo permitiu identificar temas recorrentes, redes de sociabilidade acadêmica e interlocuções internacionais; 3) análise dos documentos e cruzamento entre as informações coletadas, considerando tanto o conteúdo dos documentos quanto os contextos em que foram produzidos.

As ideias apresentadas neste artigo tiveram como ponto de partida o projeto de pesquisa “Antropologias transnacionais: os arquivos e as trajetórias de Mariza Peirano e Gilberto Velho” (financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq), cujo objetivo era organizar os arquivos pessoais destes dois antropólogos e analisar o impacto dos autores no Brasil, assim como suas relações com antropólogos e instituições estrangeiras. A partir da leitura atenta de suas cartas e cadernos de campo (documentos centrais nesse acervo), foram definidos os eixos de análise que orientaram a escrita do presente artigo. Os eixos comparativos levantados aqui foram elencados durante a própria organização dos arquivos, o que levou a aproximações de caráter geracional, referente à relação dos doadores com Roberto Cardoso de Oliveira e aos percursos acadêmicos que tiveram, tendo o Museu Nacional como ponto de inflexão nos três casos.

A perspectiva etnográfica orientou a análise dos documentos, e a presença marcante de cadernos e diários de campo neste conjunto documental, reforçou a necessidade de

um olhar etnográfico para o material, evidenciando as potencialidades de aprender com a prática antropológica destes pesquisadores. Este material contribuiu para a compreensão de diferentes modos de fazer antropologia, suas influências, referências no campo e sobre distintas metodologias e técnicas de pesquisa empreendidas ao longo da vida por estes antropólogos.

A análise dos documentos que compõem estes arquivos possibilita uma reflexão sobre o campo da antropologia no Brasil, uma vez que estes profissionais estavam construindo o campo antropológico e se tornando referências teóricas importantes neste universo, enquanto desenvolviam suas próprias pesquisas e desempenhavam seus trabalhos institucionais, desenvolvendo suas práticas docentes. Assim, este trabalho, ao mesmo tempo, em que estuda a trajetória de importantes antropólogos brasileiros, o faz de maneira etnográfica, isto é: entendendo o próprio trabalho de pesquisa inscrito na confecção deste artigo como uma experiência etnográfica, feita a partir da análise de documentos, tal como propôs Cunha:

A observação, descrição e interpretação dessas instâncias — vozes, verdades, lógicas de classificação, usos, formas de veiculação de conteúdo e valor dos artefatos que os arquivos e as coleções abrigam — puderam então ser concebidas como uma etnografia: uma modalidade de investigação antropológica que toma determinados conjuntos documentais, mais especificamente as coleções e os arquivos pessoais cujos titulares foram ou são praticantes da disciplina, como campo de interesse para uma compreensão crítica acerca das formas de produzir histórias da disciplina. (2004, 291).

Acreditando também, assim como elaboraram Oliveira e Barbosa, que “a pesquisa em arquivos nos possibilita aprender como reconstituir uma realidade etnográfica” (2019, 410). Sustentamos, como sugeriu Heymann, que, ao “abordar os arquivos pessoais sob um olhar antropológico” deslocamos nossa “atenção dos documentos para os processos de constituição desses acervos” (2013, 67). Desta forma, este artigo dedicou-se a olhar para esses processos de constituição, a partir de aproximações e distanciamentos entre o material que compõe os diferentes arquivos aqui em análise

Este trabalho se insere, portanto, no campo denominado por Cunha (2004) como “etnografia de arquivo”, que pode ser descrito como uma

modalidade de investigação antropológica que toma determinados conjuntos documentais, mais especificamente às coleções e os arquivos pessoais cujos titulares foram ou são praticantes da disciplina, como campo de interesse para uma compreensão crítica acerca das formas de produzir histórias da disciplina. (Ibid., 291).

Este artigo se divide em duas partes: a primeira, mais técnica e descritiva, em que esses três arquivos são apresentados junto a um resumo das trajetórias acadêmicas de seus titulares e do processo de doação da documentação; e a segunda parte, mais analítica, realiza uma exposição sobre potencialidades interpretativas que a comparação entre os arquivos nos permite fazer. A ideia não é esgotar as análises, mas apresentar algumas possibilidades

que, ao olhar para arquivos de cientistas sociais, nos possibilitem pensar sobre a história da antropologia no Brasil, à luz de uma análise documental.

Um primeiro ponto de inflexão identificado entre os três arquivos é a presença de uma referência comum: Roberto Cardoso de Oliveira, que atuou como mentor e inspiração para os três pesquisadores. Foi sob sua influência que, ainda no mestrado, todos realizaram pesquisas etnográficas: DaMatta entre indígenas Apinajé; Peirano em uma comunidade rural; e Velho no próprio bairro em que residia, trazendo uma inovação ao investigar os grupos sociais urbanos de classe média.

A relação intelectual entre esses três autores e Cardoso de Oliveira revela não apenas a centralidade de sua figura no campo da antropologia brasileira, mas também como ele contribuiu para moldar trajetórias acadêmicas e consolidar redes de formação e troca intelectual. Para além de seu papel institucional no Museu Nacional e na Universidade de Brasília, sua atuação foi marcada por um olhar atento à internacionalização da disciplina, sendo reconhecido como elo entre o conhecimento local e os debates antropológicos globais.

Ao longo de suas carreiras, os três antropólogos refletiram criticamente sobre as dimensões subjetivas inscritas na prática antropológica, investigando contextos e grupos dos quais faziam parte: Velho explorando as camadas médias cariocas; Peirano examinando a antropologia e os próprios antropólogos brasileiros; e DaMatta analisando os elementos culturais que definem o “Brasil” como unidade simbólica.

Salienta-se que o presente artigo não pretende fazer generalizações sobre o campo antropológico no Brasil, mas evidenciar como autores de uma mesma geração e que têm sua iniciação na antropologia sob a supervisão de um mesmo mestre, seguiram caminhos metodológicos e analíticos diversos, levando a uma diversidade de possibilidades antropológicas, sobretudo em um período de consolidação da antropologia como campo de estudos no Brasil. Este artigo pretende, tal como evidenciado por Martins, Lunardelli e Aleixo, retomando Bellotto, suscitar interpretações e não normatizar ou generalizar sobre um campo. Entendemos que,

A constituição de arquivos tão diversos e únicos revela pontos em comum, seus itens apresentam uma particularidade: “[...] o documento reflete uma realidade; não é a realidade concreta. É um discurso sobre a realidade [...]” (Bellotto, 2006, p. 263). Dessa forma, evidencia-se que o estudo de arquivos de pessoas pressupõe conhecer múltiplas possibilidades de leitura e interpretação. (2023, 89)

Os documentos do acervo possibilitam observar como esses autores se relacionavam e como se movimentavam pelo campo da antropologia no Brasil, a partir da construção de redes de pesquisa e do estabelecimento do contato com outros pesquisadores. Neste conjunto documental conseguimos encontrar fragmentos de Velho em cartas e em documentos presentes nos arquivos de Peirano e DaMatta; DaMatta, por sua vez, também está presente em documentos presentes nos arquivos de Peirano e Velho; assim como Peirano, que também pode ser encontrada nos arquivos dos outros dois antropólogos. Quando falo dessas presenças, não estou me referindo apenas a documentos institucionais ou à co-presença em encontros acadêmicos, tampouco me refiro somente aos vínculos profissionais

assumidos que possibilitaram encontros físicos entre eles; estou me referindo prioritariamente à presença por meio de correspondências trocadas entre eles.

Ao olharmos especificamente para as cartas presentes nesses arquivos, podemos perceber a construção de redes de pesquisa e de sociabilidade. No caso de Velho (que em seu arquivo guardou tanto as correspondências recebidas por ele como, também, cópias de cartas escritas e enviadas por ele), podemos ver intensas trocas de correspondências que pretendem costurar nomes para integrar projetos de pesquisa, Grupos de Trabalho em congressos, artigos em livros, para fomentar intercursos e trocas internacionais (para mencionar apenas alguns exemplos), o que evidenciava como Velho atuava fortemente na construção do campo da antropologia no Brasil. As cartas possibilitam também perceber a dimensão política presente na defesa da antropologia como um campo legítimo de conhecimento. Neste caso, podemos recorrer a correspondências trocadas com editores de jornais de grande circulação no Brasil onde o antropólogo agradecia, questionava e/ou sugeria pautas relacionadas ao fazer antropológico.

Dois exemplos deste tipo podem ser vistos no arquivo Velho: o primeiro refere-se a uma carta trocada com Luis Antonio Amorim Garcia, que na década de 1980 ocupava o cargo de sub-editor-chefe do jornal *O Globo*. Neste documento, Velho agradece a “presteza e a eficiência da publicação da matéria sobre antropólogos e FUNAI”, na qual relata que “gostou muito” e que espera outras oportunidades de divulgação (Velho 1982, 142). Em outra carta, esta destinada a Paulo Henrique Amorim (amigo pessoal de Velho presente em fotos e outros documentos do arquivo), o antropólogo se diz alarmado “ao abrir o Jornal do Brasil de hoje, dia 17 [de março de 1982, quando] levei um dos maiores sustos que tenho levado nos últimos tempos. Um dos editoriais dedica-se, entre outras coisas, a atirar setas venenosas contra a pesquisa aqui no Museu Nacional” (Velho 1982, 137).

Respondendo a críticas sobre o Museu Nacional, Velho, ao mesmo tempo, em que expõe seus sentimentos ao amigo, faz críticas ao pouco investimento governamental feito no Museu e ainda solicita uma resposta pública aos equívocos sublinhados na carta (e que haviam sido expostos no editorial do Jornal). No documento, ele diz: “Essa oposição cultura versus ciência é burra e ridícula. O sucesso da pesquisa do Museu Nacional não é responsável pela precariedade de nossas exposições [...]. Não é culpa nossa o fato do governo não amparar as exposições”; ao fim da carta enviada por Velho, ele diz saber que não era responsabilidade do amigo o texto publicado, mas explicita que, “O diretor do Museu Nacional deve estar enviando uma carta respondendo ao mencionado texto” e solicita “que publique prioritariamente”, reforçando que “esta é uma carta pessoal e não uma carta dirigida ao Editor-chefe do Jornal do Brasil” (Velho 1982, 137-138).

Estes exemplos mostram como a prática antropológica é atravessada por relações pessoais e por movimentações de cunho político, evidenciando como os arquivos pessoais de antropólogos são permeados por subjetividades e que elas nos ajudam a entender a própria construção do campo da antropologia e como ele se organizava. Esse tipo de informação não está presente na bibliografia deixada por Velho, mas em seu arquivo fica evidente como o pesquisador assumia lugar privilegiado na defesa deste campo de conhecimento junto à sociedade mais ampla.

Já nas cartas de Peirano, destacam-se algumas trocadas com Cardoso de Oliveira, onde encontramos um intenso intercâmbio intelectual em diversos níveis, como na organização de projetos, de seminários e outros eventos acadêmicos, assim como em pedidos de pareceres sobre trabalhos de terceiros e, sobretudo, nas relações de afeto e de troca que existiam para além dos eventos científicos. Ainda que (diferente de Velho) Peirano não tenha guardado cópia de cartas enviadas por ela, destaco uma correspondência que recebeu de Roberto Cardoso de Oliveira em que ele diz sentir “Pena que não tivéssemos tido mais tempo para discussão. Muita coisa ficou pra ser dita” (1980.03.06, 9-10), prosseguindo, ele diz que gostaria de seguir debatendo com ela sobre o campo da antropologia e sobre a “antropologia da antropologia” na obra dos dois. Oliveira termina esta carta demonstrando que valoriza o diálogo com Peirano e que considera este o melhor tipo de comunicação, evidenciando que esperava que a comunicação entre eles continuasse, a partir da continuidade da troca de correspondências entre os dois. Nos arquivos de Peirano encontramos também uma carta enviada em 1993 por DaMatta (1975.09.26, 156), na qual ele agradece por “suas generosas palavras sobre meu trabalho” e que as palavras de Peirano “Lavaram minha alma, tiraram uma espécie de amargura do meu coração”, segundo ele: “As palavras, sabemos bem, matam e salvam. As suas me salvaram, graças ao seu nobre coração”. A carta é encerrada com ele dizendo que quer “continuar sendo seu amigo e colega”, demonstrando assim a dimensão dos afetos presentes neste tipo de documentação, dimensão esta que não é possível de ser encontrada na obra publicada por eles ao longo de suas trajetórias profissionais.

O campo da antropologia no Brasil se formou a partir da constituição do diálogo entre pesquisadores e pela circulação de suas ideias, práticas e teorias. O resultado dessas trocas pode ser encontrado nos arquivos doados ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), evidenciando o intercâmbio entre esses autores, que é testemunhado através de cartas, fotos e demais documentos que registram esses encontros e revelam a constituição de redes de colaboração entre eles e seus posicionamentos políticos, todos eles fundamentais para a constituição deste campo. A memória dessas interações, preservadas em arquivos pessoais de antropólogos, se constituem como uma importante ferramenta de acesso a uma historiografia da antropologia brasileira.

Trajетórias de vida e caminhos antropológicos

Gilberto Cardoso Alves Velho, nasceu em 15 de maio de 1945 no Rio de Janeiro e ingressou, em 1965, no curso de Ciências Sociais na Faculdade Nacional de Filosofia (FNfi). Ele terminou a graduação em 1968 e, logo no ano seguinte, se tornou professor de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). Velho permaneceu lecionando no IFCS até o ano de 1974, época que também cursava mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional (UFRJ). Durante este período desenvolveu sua pesquisa de mestrado que versava sobre o bairro de Copacabana (Rio de Janeiro) que recebeu o nome de *A utopia urbana: um estudo de ideologia e urbanização*. Em 1973, ingressou no doutorado em Ciências Humanas

pela Universidade de São Paulo, sob orientação de Ruth Cardoso, onde defendeu a tese, intitulada *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*, em 1975.

Sobre este arquivo, é importante ressaltar, que ele teve o início de sua organização no ano de 2019, ano anterior ao início da pandemia de Covid-19. Devido ao caos pandêmico, no ano seguinte a sua chegada, o processo de sua organização de arquivos na Casa Acervo do FGV CPDOC foi temporariamente suspenso, assim como o funcionamento presencial em toda a instituição.

Na volta ao trabalho presencial foi definida pela coordenação da documentação uma mudança na metodologia de organização de arquivos da Casa.¹ Até o início da pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, o CPDOC trabalhava com uma metodologia de organização de seu acervo em que realizava uma descrição mais densa, ao nível dos dossiês, com detalhamento dos dados e descrevendo cada documento que compõe os dossiês. Esse procedimento otimizava a busca dos documentos, tanto no ambiente físico (na Casa Acervo), quanto no digital (via site da FGV CPDOC). Durante o período da pandemia a Casa Acervo ficou fechada para consulta pública, tendo sido reaberta no ano de 2022, quando o trabalho foi retomado, se baseando em uma nova metodologia de organização de arquivos que visava otimizar o tempo de tratamento do acervo, realizando descrições a nível de série e não a respeito de cada dossiê que as compõe. O modelo anterior demandava um maior tempo para a organização dos documentos e, consequentemente, para a disponibilização pública dos mesmos. A mudança de metodologia teve o “objetivo de acelerar a organização dos arquivos pessoais do CPDOC, liberando-os com maior rapidez para consulta pública, sem causar prejuízos para a preservação, a organização e a disponibilização das informações ao público” (Alves e Amado 2024, 90).

Essa mudança na metodologia se deu justamente durante a organização do arquivo de Velho. A higienização da documentação e a separação da documentação em pastas arquivos, havia sido iniciada no ano de 2019, quando o arquivo chegou à instituição. A organização final só foi finalizada depois do levantamento de recursos financeiros² que possibilitaram a organização, digitalização e divulgação pública dos arquivos de Velho³ e de Peirano⁴. O arquivo de Velho pode ser visto, portanto, como um caso modelo dessa mudança de metodologia, por ter parte de seu arquivo organizado sob uma metodologia e a outra parte sob outra.

O arquivo de Velho é composto por muitos textos acadêmicos escritos por ele e, também, por alunos, pesquisadores e amigos do antropólogo; contém diversos diplomas; inúmeras cartas trocadas com agências de fomento e com alunos, ex-alunos e/ou grandes

1 Para mais informações sobre o processo de mudança de metodologia de organização de arquivos no FGV CPDOC, ver Cruz e Alves (2024).

2 Através da Chamada CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021, Faixa A, Grupos Emergentes, Processo: 403266/2021-1, com o projeto: Antropologias transnacionais: os arquivos e as trajetórias de Mariza Peirano e Gilberto Velho.

3 Para consultar o arquivo pessoal do antropólogo Gilberto Velho, acessar o link: https://docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=fgv_giv

4 Para consultar o arquivo pessoal da antropóloga Mariza Peirano, acessar: https://docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=fgv_mp

nomes das ciências sociais; documentos institucionais referentes as suas participações em associações científicas (como a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, a Associação Brasileira de Antropologia e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) e agências de fomento à pesquisa (como a Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico); caderno de campo e cadernos de anotações e orientação; manuscritos e versões de artigos; agendas; documentos institucionais do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN); recibos e fotografias⁵.

Já o arquivo de Mariza Gomes e Souza Peirano foi integralmente organizado seguindo a nova metodologia de arquivos do FGV CPDOC. Este arquivo chegou à instituição em 2021 e, ainda que a instituição compreenda que: “Não se deve confundir, contudo, a ordem original com a organização dos documentos no arquivo”. (CPDOC 1998, 13), a organização do arquivo Peirano buscou “reconhecer a ordem original” e preservar “a ‘lógica de acumulação’ física e os motivos do arquivo ter sido ‘ordenado’ daquela maneira” (Martins, Lunardelli e Aleixo 2023, 95). Assim, a proposta organizativa proposta por Peirano por ocasião da doação de seus documentos foi mantida, cabendo ao CPDOC fundamentalmente a incorporação de uma ordenação temporal aos documentos doados.

A cientista social nasceu dia 30 de janeiro de 1942, em Muriaé (Minas Gerais), e ingressou na primeira turma da Universidade de Brasília em Arquitetura e Urbanismo (1962), onde cursou três anos de graduação. Em 1966, ingressou no curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia (FNFfi) da UFRJ, que veio a se transformar em Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), no final de sua graduação. Ela se formou com especialização em sociologia e ciência política, no ano de 1970 e, em 1972, ingressou na turma inaugural do mestrado em Antropologia Social na Universidade de Brasília (UnB), defendendo a dissertação intitulada: *A reima do peixe: proibições Alimentares numa Comunidade de Pescadores*, em 1975. Neste mesmo ano ingressou no doutorado em Harvard (EUA), onde defendeu a tese: *The Anthropology of Anthropology: The Brazilian Case* (1981). Peirano foi professora visitante no Museu Nacional da UFRJ e desenvolveu carreira docente na UnB. O arquivo chegou muito organizado à instituição, que manteve a lógica de organização proposta pela doadora⁶.

O arquivo pessoal de Roberto Augusto DaMatta está em processo de organização e está seguindo os mesmos padrões metodológicos empregados na organização do arquivo de Peirano. DaMatta, nascido em Niterói (Rio de Janeiro), em 1936, fez graduação em História na Universidade Federal Fluminense, entre os anos de 1959 e 1962. Ainda durante a graduação, fez um curso de especialização em Antropologia Social no Museu Nacional e cursou o mestrado e o doutorado em Harvard, entre os anos de 1967 e 1970. Esta experiência resultou no trabalho intitulado: *Apinayé Social Structure* (1970), que originou a publicação do livro: *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé* (1976). Lecionou no Museu Nacional da UFRJ, na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na

5 Para consultar o arranjo do arquivo, acessar: CPDOC Guia

6 Para acessar o arranjo do arquivo Peirano, acessar: CPDOC Guia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RJ), no Brasil, e na Universidade de Notre Dame, nos EUA.

A forma de captação destes três arquivos pessoais se deu de formas muito diferentes, quando comparados entre si. No caso do arquivo de Roberto DaMatta, último dos três a chegar à Casa Acervo, a doação se deu após uma visita à casa do antropólogo, tendo como propósito a gravação de uma entrevista para o projeto de História Oral do FGV CPDOC, que versa sobre a memória das Ciências Sociais⁷. Na ocasião, foi feita uma primeira avaliação do volume de documentos, uma vez que nesta mesma visita foi feito o convite de doação de seus documentos para a Casa Acervo.

Este conjunto documental revelava cartas trocadas e fotos tiradas com grandes nomes das Ciências Sociais do Brasil e do mundo; documentos referentes às instituições pelas quais o pesquisador passou ao longo da sua trajetória profissional e, assim como no caso de Velho, DaMatta também possuía um rico material sobre o Museu Nacional da UFRJ, temática indígena (que à época era objeto de estudo de DaMatta) e práticas institucionais desenvolvidas no Museu Nacional, instituição que passou por um trágico incêndio em 2018, quando teve grande parte de seu patrimônio destruído. O arquivo de DaMatta também possui documentos sobre outras instituições pelas quais o antropólogo passou ao longo de sua carreira, como a UFF e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), ambas no Brasil. Além de documentação referente à sua passagem como estudante em Harvard e à sua trajetória profissional na Universidade de Notre Dame, Peirano também possui em seu acervo documental um rico material sobre sua estadia em Harvard, por ocasião de seu doutoramento.

O arquivo de DaMatta também se destacou por fotos tiradas em contexto de pesquisa; pelo levantamento de reportagens de jornais sobre as temáticas estudadas por ele; manuscritos e versões de artigos e um número significativo de registros referentes ao trabalho de campo realizado por ele entre o povo Apinajé, nas décadas de 1960 e 1970. Durante o processo de organização do arquivo, que ainda está sendo realizado, a equipe do CPDOC vem mantendo contato com o doador. No caso de Velho, a pessoa contactada para realizar o contato com a equipe após a doação foi a herdeira de Velho, responsável por fazer o arquivo chegar na instituição.

Após esta breve apresentação dos três arquivos, vamos descrever a forma como eles chegaram à instituição e o conteúdo de cada um deles, evidenciando semelhanças e variações encontradas durante o processo de organização dos arquivos. Estas comparações não se pretendem exaustivas e nem totais, faremos aqui um exercício comparativo, enfocando alguns pontos de inflexão que foram observados durante o contato com arquivos pessoais de antropólogos brasileiros que fazem parte de uma mesma geração.

7 Para saber mais sobre o projeto Memória das Ciências Sociais, acessar: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais#:~:text=O%20objetivo%20do%20projeto%2022Mem%C3%B3ria,Banco%20Santander%20financia%20este%20projeto.>

Os jovens Mariza, Gilberto e Roberto: uma breve reflexão sobre a geração

Um primeiro ponto de inflexão encontrado entre os arquivos destes três pesquisadores é o fato dos três referenciarem um mesmo mestre. Os três autores encontraram na figura de Roberto Cardoso de Oliveira um mentor e uma inspiração. Em entrevista para Nassar et al. (2023), Roberto DaMatta disse sobre seu xará Cardoso de Oliveira: “Foi no Museu Nacional que encontrei o professor Roberto Cardoso de Oliveira, grande mentor e pessoa fundamental na minha vida. Paulista, formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, tinha uma visão voltada à internacionalização da Antropologia brasileira” (2023, 8).

Velho, também encontrou em Cardoso de Oliveira, uma inspiração, em entrevista para Ferreira et al. disse:

estava acabando de ser constituído o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social no Museu Nacional, coordenado pelo Roberto Cardoso de Oliveira. E aí entra também meu irmão, Otavio-Guilherme Velho. Ele já era formado há mais tempo e passara a ter contato com o Roberto, que por sua vez pertencia ao conselho diretor do Instituto de Ciências Sociais. Eu também passei a ter mais contato com o Roberto e percebi que sem dúvida ele era um intelectual fascinante, uma pessoa que trazia um peso acadêmico, uma respeitabilidade muito forte. Isso foi mais um reforço - para mim isso é claro - no meu interesse em fazer pós-graduação em antropologia social. (2001, 8).

Peirano contou, em entrevista para o projeto de História Oral sobre memória das Ciências Sociais do FGV CPDOC⁸, que conheceu Roberto Cardoso de Oliveira no Rio de Janeiro. Os dois moravam no mesmo condomínio na zona sul do Rio de Janeiro, mas Peirano só descobriu essa coincidência quando tentava marcar uma conversa com Cardoso de Oliveira, sobre justamente a abertura da pós-graduação em Antropologia em Brasília, local onde Mariza Peirano foi desenvolver seus estudos posteriormente.

Nascido em 1928 e formado em Filosofia pela USP em 1950, Cardoso de Oliveira se tornou grande referência no campo da Antropologia. Ele foi aluno de Florestan Fernandes, ainda durante a graduação em Filosofia e, depois, foi seu orientando de doutorado, durante a escrita da tese que resultou no livro: *Urbanização e Tribalismo: A interação dos índios Terena em uma sociedade de classes* (1968). Cardoso de Oliveira desenvolveu trabalho de pesquisa com povos indígenas no Brasil e foi um dos responsáveis pela criação de dois programas de pós-graduação brasileiros, a saber: o do Museu Nacional e da UnB, sendo reconhecido como fundamental para a institucionalização da Antropologia como disciplina acadêmica no Brasil.

DaMatta fez uma expedição etnográfica sob supervisão de Cardoso de Oliveira junto ao povo indígena Terena em 1960 e passou quatro meses entre o Povo Gavião, em 1961. Estas viagens aconteceram em detrimento do curso de especialização que DaMatta fez com Cardoso de Oliveira no Museu Nacional, no ano de 1960. No arquivo pessoal

8 Para assistir à entrevista de História Oral com Mariza Peirano, feita pelo projeto Memória das Ciências Sociais do FGV CPDOC, acessar: <https://cpdoc.fgv.br/entrevistados/mariza-peirano>

de DaMatta encontram-se fotos dessa viagem de campo, além de outros registros com Cardoso de Oliveira⁹. Velho e Peirano cursaram seus mestrados no Museu Nacional e na UnB, respectivamente, em cursos inaugurados por Cardoso de Oliveira. O estímulo em realizar trabalho etnográfico durante esta fase de formação se deve, nos três casos, a uma forte influência de Cardoso de Oliveira, que foi referenciado, de maneira unânime, como fundamental para o ingresso de todos na pós-graduação em antropologia.

Vale ressaltar que foi no mestrado que os três jovens pesquisadores realizaram pesquisas etnográficas. Se Peirano e DaMatta buscaram realizar uma etnografia mais clássica, se deslocando para ambientes rurais e indígenas, respectivamente, Velho inovou a estudar o mesmo bairro em que residia. Os três, no entanto, seguiram suas carreiras refletindo sobre as dimensões subjetivas inscritas no fazer antropológico, analisando características de grupos dos quais faziam parte: Velho escrevendo sobre as camadas médias cariocas; Peirano estudando a antropologia e antropólogos brasileiros; e DaMatta refletindo sobre o que faz do Brasil o Brasil.

A reflexão sobre a relação de três grandes antropólogos com Roberto Cardoso de Oliveira nos revela não apenas o impacto de sua figura como mentor, mas também o modo como ele ajudou a moldar as trajetórias acadêmicas de seus discípulos e, por extensão, a trajetória da antropologia brasileira. O fato de DaMatta, Velho e Peirano, encontrarem nele uma inspiração comum, evidencia o papel singular que Cardoso de Oliveira exerceu no desenvolvimento dessa disciplina no Brasil. Ele não era apenas um intelectual, mas uma ponte entre o conhecimento local e o campo (nacional e internacional) da antropologia, como ressaltado por DaMatta em sua entrevista.

O impacto de seu trabalho vai além do seu papel formal, assumido no Museu Nacional e no Programa de Pós-Graduação em Brasília, pois ele representava também um olhar atento às necessidades de internacionalização da antropologia brasileira. No caso de Velho, por exemplo, a admiração por Cardoso de Oliveira não se limitava à sua formação acadêmica, mas à força de sua presença e à sua capacidade de engajar outros intelectuais em projetos comuns. Para Peirano, o encontro com Cardoso de Oliveira parece ser quase um acaso, mas justamente essa relação casual, que emergiu no cotidiano, reflete um tipo de conexão acadêmica que transcende as circunstâncias formais. O fato de eles compartilharem um espaço físico no Rio de Janeiro e, a partir daí, estabelecerem uma ligação intelectual demonstra que a construção do conhecimento depende também das trocas cotidianas e das oportunidades de encontro, nos remetendo aos “imponderáveis da vida real” de Malinowski (1984).

Assim, esses depoimentos nos mostram não só a reverência que Roberto Cardoso de Oliveira inspirava, mas também como, ao orientar e influenciar outros pesquisadores, ele ajudou a moldar a antropologia brasileira de uma forma coletiva. Sua figura simboliza um momento de transição e fortalecimento da área, sendo uma referência para esta geração

9 Encontram-se fotos de Cardoso de Oliveira nos três arquivos aqui analisados.

de estudiosos que continuaram a expandir e redefinir a prática antropológica no Brasil, a partir de sua referência.

Ainda no que diz respeito a seus pertencimentos geracionais, cabe destacar que os três nasceram com a diferença de aproximadamente uma década de distância entre o mais velho e o mais novo. DaMatta, o mais velho dos três, nasceu em 1936, Peirano em 1942 e Velho que, apesar do sobrenome, era o mais novo dos três, nasceu em 1945. Esta análise de alguns marcos temporais em suas trajetórias acadêmicas nos ajuda a estabelecer uma proximidade geracional entre os três. DaMatta se formou em História na UFF em 1962 e terminou sua formação ao nível de pós-graduação em Harvard, onde fez mestrado e doutorado entre os anos de 1967 e 1971. Velho se formou em Ciências Sociais pela UFRJ, no ano de 1968, e teve seu mestrado concluído em 1970, em Antropologia Social da UFRJ e o doutorado também foi terminado no ano de 1975. Peirano se formou em 1970, também na FNNi/UFRJ e, como Velho, fez seu mestrado em Antropologia Social. Seu mestrado não foi cursado no Museu Nacional e sim na UnB, onde concluiu no ano de 1975.

O material guardado pelos três sobre o período em que foram estudantes de pós-graduação é muito significativo nos três arquivos, notoriamente o que se refere às pesquisas etnográficas desenvolvidas por eles. Assim, apresentaremos a seguir uma relação entre as pesquisas etnográficas feitas por esses jovens cientistas sociais.

Por uma análise da documentação: reflexões sobre o campo da Antropologia a partir de documentos pessoais

O arquivo Gilberto Velho foi o segundo arquivo de antropólogos que integrou a linha de arquivos de cientistas sociais do FGV CPDOC. Seu arquivo chegou após o arquivo de Yvonne Maggie¹⁰, antropóloga com quem foi casado por sete anos, durante o final da década de 1960 e início de 1970. É importante destacar, no entanto, que os caminhos que trouxeram os dois arquivos para a instituição foram bem diferentes. O arquivo de Maggie chegou ao FGV CPDOC doado em vida pela própria pesquisadora, no contexto de ampliação dos arquivos de mulheres no acervo da FGV CPDOC. Ainda que a “[d] esde a criação do Centro [de pesquisa e documentação] exist[iss]em registros de arquivos de mulheres na instituição” (Cruz e Alves 2024, 16), foi

[e]m 2015, a equipe da Coordenação de Documentação do CPDOC tomou uma medida significativa ao revisar a política pública de acervo e incorporar o marcador de gênero no documento institucional. Nesse contexto, foi estabelecido que a instituição não apenas tinha interesse, mas também buscava ativamente a inclusão de arquivos relacionados com mulheres. (Cruz e Alves 2024, 18).

10 Para consultar o arquivo da antropóloga Yvonne Maggie, acessar: https://docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=fgv_ym

No caso da doação do primeiro arquivo de antropologia da instituição, Yvonne Maggie, a titular, ajudou a equipe da documentação em vários momentos durante o processo de organização do arquivo, pois, tendo feito a doação em vida, pôde ser contactada à medida que dúvidas e questões atinentes à organização do arquivo iam surgindo. Filmes etnográficos e diários pessoais que possuíam muitos dados sensíveis faziam parte da documentação doada e a antropóloga fez questão de conversar com a equipe sobre o conteúdo do material, possibilitando que sua disponibilização pública fosse feita de acordo com os seus próprios critérios subjetivos e, ao mesmo tempo, cumprisse com as prerrogativas da instituição de guarda. Essa relação próxima à doadora, fez com que ela opinasse diretamente nas escolhas e nas classificações utilizadas na construção dos dossiês que compõem o seu arquivo pessoal.

Já no caso do arquivo de Velho, que faleceu no ano de 2012, seu arquivo ficou sob a guarda de Karina Kushnir até sua chegada na instituição de guarda. Interessante pensar que a pessoa que foi responsável pela doação do arquivo havia sido uma das responsáveis por fazer a primeira organização do arquivo de Velho. Kushnir quando trabalhava como assistente de pesquisa de Velho. Hoje, professora de antropologia do IFCS UFRJ, também foi, ao longo de sua trajetória, orientanda de pós-graduação de Velho, sua amiga pessoal e herdeira do arquivo pessoal (além de responsável pela doação dos documentos ao FGV CPDOC). Além de Kushnir, o antropólogo também contou com outras assistentes de pesquisa ao longo de sua trajetória acadêmica. Todas elas contribuíram para a organização do material contido no arquivo doado à FGV.

Encontramos neste conjunto documental agendas, cadernos e papéis com a grafia dessas assistentes de pesquisa, notoriamente no que se refere ao período mais recente antes de seu falecimento. Assim, percebemos o quanto a “construção narrativa de um acervo é sempre composta pelas camadas de atuação de seus titulares, dos agentes envolvidos na gestão desses papéis antes da doação e dos funcionários das instituições de memória” (Serafim 2023, 120), sendo assim, “o conteúdo do arquivo não é neutro e é perpassado pela atuação de pessoas e instituições distintas” (Ibid., 123). Assim podemos afirmar que, no caso de Velho, “um acervo pessoal, ainda que abrigue a documentação acumulada por seu titular, contém sempre uma multiplicidade de outras pessoas” (Ibid., 126).

Ainda que várias pessoas tenham contribuído para a organização do arquivo de Velho, havia uma sistematização e padronização já presentes no arquivo, quando este chegou ao FGV CPDOC. Padronização esta que a equipe de documentação tentou manter durante a organização do arquivo. Como Velho não se encontrava mais entre nós, não foi possível recorrer a ele para perguntas ou questionamentos adicionais durante o processo de organização. Foi realizada uma entrevista em profundidade com a herdeira do arquivo, onde foi possível conversar sobre o processo de organização e sobre a importância deste arquivo para o campo da antropologia. O fato de eu ter sido uma de suas orientandas e ter compartilhado do ambiente intelectual vivenciado por Velho no Museu Nacional (durante meu próprio processo de orientação), possibilitou uma maior compreensão sobre o material doado e facilitou a organização dos dossiês que compõem o arranjo da documentação. De certa forma, eu já possuía certa familiaridade com o que vinha a encontrar no meio de todos aqueles documentos. Mas, como o próprio professor Gilberto Velho havia ensinado,

o “fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes” (Velho 1981, 124). Ao me deparar com dimensões da vida de Velho, que eu desconhecia, passei a refletir sobre o quanto organizar arquivos pessoais nos faz conhecer pessoas públicas com uma certa intimidade, pois tomamos conhecimento de documentos pessoais que, se não tivessem sido doados e disponibilizados publicamente, jamais teríamos acesso. Foi o que aconteceu comigo, conheci dimensões de um Gilberto Velho que não conhecia: não o professor e intelectual, mas pude conhecer também alguns fragmentos de sua infância e momentos íntimos e festivos com amigos e familiares, evidenciando na prática que o “que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido” (Velho 1981, 126). Os seres humanos são complexos e lidar com seus arquivos é, de certa forma, ser confrontado a encontrar um pouco dessa complexidade inscrita em tudo aquilo que foi guardado ao longo da vida e entendê-los como registros de memória de uma trajetória que se entende como pública.

É importante destacar que essa familiaridade com Velho fez com que eu encontrasse em seu arquivo partes de mim também. Como fui sua orientanda, encontrei anotações sobre minha participação em aulas (ele fazia anotações em seus cadernos sobre as falas e as contribuições intelectuais de seus alunos durante as aulas que ministrava), além de encontrar textos escritos por mim e guardados por ele. Este encontro foi muito importante para refletir sobre a noção de subjetividade, que aprendi com ele em suas aulas e, também, nas leituras que fiz (e faço) de sua obra. Ver que o autor guardou documentos de diversos alunos, amigos e colegas, além do seu próprio material, nos mostra o quanto Velho conduzia, na prática, seu fazer antropológico de maneira integrada à sua rede de relações.

Como se trata de um arquivo pessoal, são frequentes as referências a detalhes mais íntimos da vida de Gilberto Velho e de terceiros (muitos deles grandes nomes, ainda vivos, das ciências sociais no Brasil e no mundo) e esta característica nos fez aprender sobre as referências intelectuais e subjetivas de Velho ao longo de sua vida.

Philippe Artières, em seu artigo “Arquivar a própria vida” (1998), faz uma alusão à potencialidade da existência de

um lugar onde tivéssemos conservado todos os arquivos das nossas vidas, um local onde estivessem reunidos os rascunhos, os ante textos das nossas existências. Encontraríamos aí passagens de avião, tíquetes de metrô, listas de tarefas, notas de lavanderia, contracheques; encontraríamos também velhas fotos amareladas. No meio da confusão, descobriríamos cartas: correspondências administrativas e cartas apaixonadas dirigidas à bem-amada, misturadas com cartões postais escritos num canto de mesa longe de casa ou ainda com aquele telegrama urgente anunciando um nascimento. Entre a papelada, faríamos achados: poderia acontecer de esbarrarmos com nosso diário da adolescência ou ainda com algumas páginas manuscritas intituladas “Minhas lembranças de infância”. (Artières 1998, 9).

O próprio autor nos indica que este lugar existe apenas no plano do imaginário, pois, ainda que nos proponhamos a guardar todos os registros documentais do que vivemos ao longo de nossas vidas, “não conservamos senão uma parte ínfima de todos esses vestígios” (Ibid., 10). Artières resolve esta questão explicando que:

a perda é induzida por certas práticas (a correspondência, por exemplo, é por natureza uma escrita perdida). Depois, porque dessa vida de todo dia, retemos apenas alguns elementos (um diário íntimo, por exemplo, é por definição uma seleção e não é jamais exaustivo). Enfim, porque fazemos triagens nos nossos papéis: guardamos alguns, jogamos fora outros; damos arrumações quando nos mudamos, antes de sairmos de férias. E quando não o fazemos, outros se encarregam de limpar as gavetas por nós. Essas triagens são guiadas por intenções sucessivas e às vezes contraditórias. (1998, 10).

Caminhos e escolhas: seguindo os rastros documentais

Os arquivos de Mariza Peirano e Roberto DaMatta chegaram à FGV CPDOC nos anos de 2021 e 2022, respectivamente. Diferente de Velho, ambos doaram em vida seus acervos. Nesses dois casos, fica ainda mais evidente que o processo de arquivar os documentos nem sempre é equivalente à percepção de que todo o material acumulado durante a vida deva se tornar público.

Durante o processo de doação de seu arquivo, Mariza Peirano relatou que o fez ao saber que os arquivos de Velho e Maggie estavam sob a guarda da Casa Acervo. Foi assim que resolveu buscar a direção da instituição para oferecer seu arquivo pessoal, para compor esta mesma linha de acervo. Ela mesma embalou e enviou os documentos para a instituição. Peirano reside em Brasília e a Casa Acervo do FGV CPDOC, onde os documentos ficam alocados, fica no Rio de Janeiro. Devido a isso, a instituição recebeu a doação pelos correios. Esta forma de doação não é a mais comumente empreendida no FGV CPDOC. Na maioria dos casos, a própria equipe da instituição vai até a casa do doador e faz a organização para a retirada do material. Esse processo de envio fez com que a documentação só fosse apreciada pela equipe, após o envio da documentação. A seleção do que deveria vir (e o que não deveria) foi feita somente pela própria doadora, sem participação de nenhum membro da equipe da instituição de guarda. Assim, ao ser perguntada por mim sobre a existência de outras fotos ou de outras cartas, a doadora respondeu que ainda tinha outros documentos em casa. Portanto, ficou evidente que a doadora fez escolhas e uma triagem dentro de um universo mais extenso, separando o que considerou significativo para compor seu arquivo pessoal. Percebe-se, portanto, o processo no qual a “escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas” (Artières 1998, 11), pois, como ele indicou:

não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens. (Ibid., 11).

DaMatta, último dos três a ter o arquivo guardado pelo FGV CPDOC, fez a doação de seus documentos pessoais após ser entrevistado para o programa de História Oral do FGV CPDOC, como dito anteriormente. Ao mostrar seu escritório (repleto de fotos,

manuscritos, papéis, etc.) para a equipe de entrevista da instituição, foi perguntado se teria interesse em doar seu arquivo. A oferta foi prontamente aceita por DaMatta e, nos meses que se seguiram, uma equipe da documentação passou a ir com frequência à casa do antropólogo para separar e empacotar a documentação. Esse processo foi realizado sob o olhar atento do doador que, ao rever os documentos, há anos guardados, fez uma seleção sobre o que deveria ir ou não para seu arquivo.

Durante esse processo de retirada de um arquivo da casa de seu doador, ficou evidente o quanto “[a]rquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (Artiéres 1998, 11).

A ideia deste artigo surgiu justamente durante a organização deste arquivo. Participei de todas as etapas de captação dos arquivos de DaMatta e de Velho e, ainda que também tenha sido responsável pela organização do arquivo de Peirano, ele foi enviado para o FGV CPDOC sem que eu ou qualquer membro da equipe tivéssemos a oportunidade de ver todo o conjunto documental que a pesquisadora guardava, nós tivemos acesso apenas ao que foi selecionado por ela. Como dito previamente, em conversa com a doadora, ela contou que ainda estava em posse de fotos e documentos institucionais que, por ocasião da doação, optou por não enviar para a instituição. Em relação aos outros dois arquivos, tanto a herdeira de Velho quanto o professor Roberto DaMatta, ambos sublinharam a existência de documentos que julgavam mais pessoais e que, por esse motivo, não foram enviados para doação. Como exemplo citaram: fotos com familiares e/ou cartas consideradas pessoais. Nesses dois casos também foram recebidas remessas complementares de documentos após a doação do arquivo, quando os doadores encontraram outros documentos que julgavam pertinentes a compor o arquivo pessoal. A escolha do material a ser ou não doado é sempre irrestrita por parte do doador, este que escolhe o que vai ou não compor o acervo.

Interessante pensar também sobre o processo de retirada desses três arquivos. Os documentos de Velho foram retirados pela equipe do FGV CPDOC da sala da professora Karina Kushnir no IFCS UFRJ. A herdeira intelectual de Gilberto Velho havia retirado anos antes os documentos do apartamento de Velho em Ipanema, por ocasião de seu falecimento (2012), e fez uma organização prévia dos documentos quando eles chegaram à sua sala, na instituição em que trabalhava. Assim, os documentos foram retirados de maneira mais técnica e automática, apenas retirando os documentos das estantes que ocupavam e colocando-os em caixas para o transporte, mantendo a organização na qual ele já se encontrava.

No caso de DaMatta, o processo de busca pela documentação foi mais demorado e, como dito, feito sob a supervisão do antropólogo que, ao ver os documentos, elencava sua importância, ou não, para a constituição de um acervo. Neste processo, a equipe, repetidas vezes, avisava ao titular que todos aqueles documentos eram potencialmente importantes para a compreensão de sua trajetória de vida, mas que cabia a ele a escolha do que iria ou não ser doado. Alguns documentos, como os diários de campo, só foram doados depois do intermédio do Diretor do FGV CPDOC, que foi à casa de DaMatta durante o processo de busca do arquivo para mais uma entrevista em profundidade e, na ocasião, conseguiu convencê-lo da importância do material e, assim, a doar fotos, cadernos de campo e fitas k7

referentes ao trabalho de campo com os indígenas Apinajé (realizado entre as décadas de 1960 e 1970), que estavam guardados em sua casa e que hoje, em grande parte, disponíveis para consulta pública¹¹.

Esse processo de envio da documentação para a guarda de uma instituição que tem como objetivo torná-la pública, dando livre acesso (presencial e/ou pela internet) para a ampla população, gerou em mim uma reflexão sobre a constituição dos arquivos pessoais de antropólogos. Nos três casos aqui em análise, os arquivos foram doados com a finalidade de se tornarem públicos, depois de terem passado décadas guardados em escritórios privados, com acesso restrito ao público mais amplo. Quais são os limites impostos durante a organização dos arquivos, pelos próprios doadores ou por pessoas que também participaram do processo de guarda e organização? O que é (e o que não é) representativo de uma trajetória de pesquisa? O que desse conjunto documental deve se tornar público? Ver um doador fazer escolhas, sobre o que representava (ou não) sua história pessoal e sua carreira profissional, orientou a escrita deste artigo.

Na antropologia se tornou clássica a polêmica envolvendo o diário íntimo de Malinowski, que foi publicado após seu falecimento. Esta publicação demonstrou o quanto os relatos íntimos de Malinowski (1997) eram repletos de emoções e sentimentos que, muitas vezes, não haviam sido expostos em sua obra clássica. A reflexão etnográfica empreendida pelo pesquisador não afasta sentimentos e emoções contraditórios e ambíguos que, muitas vezes, só são confessados a si mesmo, em seu diário.

Os impactos dessa publicação na antropologia foram significativos. Por um lado, ela levantou questões sobre a subjetividade do antropólogo e como suas experiências pessoais podem influenciar a interpretação dos dados culturais. Por outro lado, também provocou uma reflexão sobre a necessidade de transparência e responsabilidade ética na pesquisa, especialmente em relação ao respeito pelas culturas estudadas. Essa polêmica contribuiu para um maior debate sobre a posição do antropólogo como observador e participante, e como suas próprias crenças e experiências podem moldar sua compreensão e representação das culturas. Assim, a publicação do diário de Malinowski não apenas iluminou aspectos de sua vida, mas também desafiou a disciplina a reconsiderar suas práticas e abordagens.

Longe de trazer polêmicas para o campo antropológico, os diários de campo dos três antropólogos aqui em análise nos ensinam sobre a construção de um projeto de pesquisa etnográfico e, a partir da possibilidade de consultar diferentes formas de escrita e de construção de um caderno de campo, entendemos melhor a prática antropológica e como diferentes antropólogos brasileiros construíram suas análises.

Os cadernos de Velho eram muito diferentes entre si. Para além do caderno de campo que usou para construir sua dissertação de mestrado, Velho tinha cadernos que nos mostravam um pesquisador preocupado em anotar informações trazidas por seus alunos, fazer programações de aulas e anotações sobre bancas e concursos dos quais participava.

11 Para acessar as informações referentes ao trabalho etnográfico desenvolvido por DaMatta entre o povo indígena Apinajé, acessar: <https://cpdoc.fgv.br/apinaje>

Além das anotações referentes à docência, é admirável acompanhar o processo criativo do escritor Gilberto Velho. Em seus cadernos é possível observar Velho em seu processo de escrita, originando manuscritos de textos que vieram a se tornar clássicos da antropologia urbana. Nesses cadernos podemos ver, por exemplo, quando a tinta de uma caneta começa a falhar e Velho troca de caneta para continuar em seu fluxo de pensamento.

O caderno que versa sobre sua pesquisa de campo que originou o livro *A Utopia Urbana* (Velho, 1973) merece destaque. Nele é possível observar o criterioso método empregado por Velho durante sua pesquisa em um prédio em Copacabana, bairro em que morava. O pesquisador realizou censo com moradores, construiu tabelas com informações sociodemográficas, realizou entrevistas, elaborou mapas dos apartamentos e juntou recortes de jornal com informações sobre o mercado imobiliário de Copacabana. Ainda que essa sistematização de dados não apareça com o mesmo destaque na obra, o caderno testemunha a importância do processo de coleta de dados para a efetividade de uma análise aprofundada sobre a realidade estudada.

Deve-se destacar, no entanto, que não foi encontrado nenhum caderno de campo referente ao trabalho desenvolvido para sua tese de doutorado: *Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia* (Velho, 1998). Como Velho não está mais entre nós, não temos como perguntar ao doador os motivos dessa ausência, se por conta do tema da pesquisa, relacionado ao uso de drogas entre as camadas médias urbanas na cidade do Rio de Janeiro, ou se por não ter sido feita nenhuma anotação em caderno de campo durante esta pesquisa, tal como havia feito durante o mestrado.

Em relação ao material de Peirano, seu caderno de campo é uma aula de antropologia e também possibilita um encontro direto com a perspectiva teórico-metodológica proposta pela autora em suas obras. No caderno de campo feito durante sua pesquisa etnográfica de mestrado, realizada no Ceará, encontramos descrições etnográficas, transcrições de dados de campo, reflexões sobre conceitos e autores e o desenvolvimento de análises e conexões entre suas observações e a bibliografia com que trabalhava, ficando evidente a preocupação metodológica e teórica empregada em seus estudos. Este material é, por si só, uma lição de como a etnografia é mais que um método. Ao retomar autores, fazer fichamentos de textos, apresentar dados de campo, construir tabelas e estabelecer análises e reflexões sobre sua própria experiência de campo, a autora demonstrou, na prática, como o trabalho de pesquisa etnográfica não se restringe a descrever o que foi visto. Como ela nos ensinou que:

Se queremos formar antropólogos, e não meramente ensinar antropologia, precisamos ser reflexivos: não há uma história da antropologia. Devemos deixar espaço para que nossos antecessores possam nos falar sobre sua experiência, possam nos informar sobre os problemas (teóricos ou existenciais) que enfrentaram, possam, enfim, nos fazer refletir a partir do que fizeram - lembrando que aprendemos pelos bons e pelos maus exemplos. O resultado é que nossa história será sempre espiralada, nunca evolutiva nem unidirecional. (Peirano 2014, 384).

Este processo de costura intelectual, que prevê a necessidade de um entrelaçamento entre perspectivas empíricas e teóricas, é feito de maneira exemplar em seu próprio caderno de campo, evidenciando como a autora realizara, em suas análises, o que propôs em artigos

que se tornaram clássicos no Brasil, como: “Etnografia não é método” (Peirano 2014) e “O antropólogo e suas linhagens” (Peirano 1991). Assim, ela demonstra, em seu próprio material de campo, o quanto:

Todo antropólogo está, portanto, constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador, repensando a disciplina. E isso desde sempre: de Malinowski encontrando o kula entre os trobriandeses; Evans-Pritchard, a bruxaria entre os azande; Florestan, revendo a guerra tupinambá nos arquivos. Antropólogos hoje, assim como nossos antecessores, sempre tivemos/temos que conceber novas maneiras de pesquisar - o que alguns gostam de nominar “novos métodos etnográficos”. Métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual. (Ibid., 381).

O arquivo de Peirano, principalmente seu caderno de campo, nos evidencia que cada experiência etnográfica é única. Em sua documentação, foi possível perceber o quanto sua forma de organizar suas ideias é diferente da utilizada por Velho em seu processo etnográfico. Perceber isso, com base na análise destes cadernos de campo, é ter a possibilidade de aprender com a prática de antropólogos experientes e renomados e perceber empiricamente que, tal como Peirano nos ensinou:

não há como propriamente ensinar a fazer pesquisa de campo. Esta é uma conclusão antiga, não só de professores bem intencionados como de estudantes interessados, mas atônitos. A experiência de campo depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas dentro da disciplina, do contexto sociohistórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram, no dia-a-dia, no próprio local de pesquisa entre pesquisador e pesquisados. Eis aí, talvez, a razão pela qual os projetos de pesquisa de estudantes de antropologia sempre esbarram no quesito metodologia, quando estes competem por recursos com colegas de outras áreas de ciências sociais. Mas, se é impossível antecipar os acasos que farão ressoar, na experiência vivida ali-e-agora, as teorias aprendidas de outros povos e outros tempos, não é inviável alertar o estudante para problemas corriqueiros com os quais ele provavelmente se defrontará, porque outros já os enfrentaram. Em suma, na antropologia o treinamento metodológico se faz melhor quando acoplado às monografias clássicas ou, o que dá no mesmo, quando derivado dos cursos teóricos. (Ibid., 46).

Assim, ficou evidente, durante o processo de organização das documentações, que “[a]s impressões de campo não são apenas recebidas pelo intelecto, mas têm impacto sobre a personalidade do etnógrafo” (Ibid., 47).

Considerações finais

Como exemplo do potencial analítico destes arquivos, destacamos o quanto o acervo documental de Gilberto Velho nos possibilita ver como o pesquisador articulou sua *rede de relações* e o *campo de possibilidades* no qual estava inserido ao longo de sua trajetória. Uma análise sobre a documentação de Velho possibilitou, sobretudo, observar como, mesmo imerso nas dinâmicas acadêmicas e institucionais, a intersubjetividade estava sempre

presente em sua vida e nos seus trabalhos. Seu arquivo é repleto de outras pessoas, seja pelas mãos que o ajudaram a organizar o arquivo quando ainda era vivo (como já apontamos previamente), mas, sobretudo, por ser um arquivo composto por muitas cartas, trabalhos de orientandos, textos de colegas e muito material institucional. Conseguimos encontrar Gilberto Velho como figura pública e como parte da *rede de relações* da qual fazia parte. Os diálogos são centrais em sua trajetória e também na sua documentação, posto que as cartas que trocou ao longo de sua vida compõem grande parte de seu arquivo. No arquivo temos acesso também ao jovem Gilberto Velho, através dos boletins e das fotos da época da escola, do discurso proferido por ocasião de sua formatura no Colégio de Aplicação da UFRJ, nos rascunhos e nos trabalhos de escola e da faculdade feitos por Velho.

No arquivo de DaMatta, encontra-se muito pouco de outros pesquisadores e o material de alunos e colegas não parece ter grande destaque, assim como as cartas e documentos de terceiros¹². Me parece importante frisar a importância deste antropólogo para a discussão sobre indivíduo e sobre o individualismo como categoria de análise no contexto brasileiro. Quem sabe, isso não nos ajuda a refletir sobre o fato de seu arquivo ser composto de muito material autoral, tais como: fotos tiradas por ele durante o trabalho de campo e as várias versões de um mesmo artigo, que ajudam a demonstrar o processo de escrita do autor.

As anedotas de pesquisa, parte fundamental do trabalho etnográfico segundo o próprio Da Matta, permearam nossos encontros para buscar os documentos em sua casa, estabelecendo pontes entre nós, apesar dos “humores, temperamentos, fobias e todos os outros ingredientes das pessoas e do contato humano”, tal como aprendemos com o próprio Da Matta (1978, 4). O material guardado por DaMatta também se destaca pelos recortes de jornal (para pesquisas e, também, fruto de entrevistas dadas por ele ao longo da sua vida). Este material de recortes de jornal também encontra espaço no arquivo de Velho, mas em menor proporção.

Em relação ao arquivo de Velho, trata-se de um arquivo bastante heterogêneo, que versa sobre muitas pessoas e instituições, como dito anteriormente. Para além do Gilberto Velho, este é um arquivo muito povoado, bastante dialógico. O acervo do professor Roberto Da Matta é composto basicamente por muitos textos autorais (e suas versões – do manuscrito até a versão final); certificados; muitos materiais referentes a palestras, conferências e consultorias realizadas no Brasil e no exterior; muitos recortes de jornal para suas pesquisas; questionários; documentos institucionais; convites para conferências; pareceres e fotos. O arquivo do professor DaMatta tem menos colegas de pesquisa e mais versões de sua produção autoral. Durante o processo de busca do arquivo, o material referente aos alunos quase não entrou, apenas sob forte insistência da equipe de documentação.

12 A documentação de DaMatta ainda está em processo de organização, sendo, portanto, o único dos três arquivos que ainda não está aberto para consulta pública. Neste arquivo, os diários doados registram informações produzidas por Roberto DaMatta durante suas pesquisas com os indígenas Apinajé e Gavião, entre as décadas de 1960 e 1970. Trata-se de um extenso material, que ainda não foi analisado com o mesmo aprofundamento que os documentos dos outros dois arquivos pessoais, já disponíveis para consulta.

Seu arquivo é muito voltado para o seu desenvolvimento profissional, os diversos vínculos de pesquisa (como no caso das consultorias) e sua produção acadêmica.

Trazermos reflexões comparadas entre os arquivos dos professores Gilberto Velho, Mariza Peirano e Roberto Da Matta, pois acreditamos que essa experiência possibilita uma reflexão também sobre parte da história da antropologia no Brasil e não apenas da trajetória individual desses antropólogos. Os documentos, cartas, fotos e anotações que compõem esses arquivos revelam muito mais do que informações sobre os trabalhos de campo ou as produções acadêmicas de cada um deles. Eles nos trazem à tona as relações, os diálogos, as inquietações e os processos de construção de conhecimento que marcaram a vida desses pensadores. Cada arquivo, com suas particularidades, oferece uma chave para entender como cada um dos antropólogos se relacionou com o saber e com os outros, seja através da intersubjetividade que permeia o arquivo de Velho, da reflexão individual e autoral de Da Matta, ou da metodologia rigorosa e reflexiva de Peirano.

Ao colocarmos esses arquivos em comparação, conseguimos visualizar não apenas as diferenças e semelhanças de suas produções, mas também as múltiplas formas de constituição e preservação do conhecimento científico e acadêmico. Além disso, esses acervos nos lembram que a história da antropologia, como toda história, é feita de processos que, muitas vezes, estão invisíveis nos textos finais, mas que se revelam nas escolhas, nas trocas, nas relações e nos afetos que constituem o trabalho de campo e a produção acadêmica. O contraste entre o arquivo dialógico e coletivo de Velho e o arquivo mais centrado e autoral de Da Matta nos sugere diferentes formas de conceber a disciplina e o papel do antropólogo, e é justamente ao refletirmos sobre essas diferenças que enriquecemos nossa compreensão do campo antropológico. Ao refletirmos sobre a forma como cada um desses antropólogos organizou e guardou seu arquivo, somos convidados a pensar sobre a própria constituição de um campo de saber que, como bem apontado por Peirano, é sempre espiralado, nunca linear. As escolhas sobre o que preservar, sobre o que deixar de lado e sobre o que tornar público são tão reveladoras quanto os próprios textos e artigos dos autores. Assim, esses arquivos, mais do que fontes para a história da antropologia, se tornam testemunhos de uma prática constante de reflexão e aprendizado, um legado de cada um desses pesquisadores que continua a dialogar com as novas gerações.

Este artigo realizou uma análise etnográfica comparada dos arquivos pessoais de Gilberto Velho, Mariza Peirano e Roberto DaMatta, atualmente sob a guarda da Casa Acervo do FGV CPDOC. A partir da organização e leitura de cadernos de campo, correspondências, anotações e outros documentos produzidos por esses pesquisadores ao longo de suas carreiras, o texto reflete sobre os bastidores da produção científica, redes de sociabilidade e aspectos objetivos e subjetivos do trabalho de campo. Ao analisar os cadernos de campo, por exemplo, percebe-se o contraste entre os estilos de escrita e organização dos três antropólogos: Velho, com sua sistematização detalhada dos dados e reflexões urbanas; Peirano, com uma articulação exemplar entre teoria e empiria, construindo uma verdadeira aula de antropologia em seus registros; e DaMatta, cujo material, sobre especialmente os indígenas, oferece uma visão sensível de sua trajetória. O estudo também discutiu como esses arquivos foram constituídos: Velho teve seu acervo organizado postumamente por sua herdeira

intelectual; Peirano e DaMatta doaram seus arquivos em vida, o que permitiu observar os critérios pessoais de seleção sobre o que deveria (ou não) se tornar público. Esses processos de triagem demonstram que arquivar é, também, um gesto de autoconstrução e resistência, no qual memórias são manipuladas, ocultadas ou destacadas.

Ao examinar os documentos, identificou-se temas comuns como: a influência de Roberto Cardoso de Oliveira e o desenvolvimento de redes de colaboração, visíveis especialmente nas correspondências trocadas. As cartas mostram não apenas articulações institucionais e acadêmicas, mas também afetos, divergências e compromissos políticos, os quais são aspectos ausentes nas obras publicadas. Por fim, o texto convidou à reflexão sobre os limites e potências da documentação pessoal como fonte para compreender a disciplina antropológica no Brasil. Longe de padronizar métodos, os arquivos revelam a diversidade de práticas etnográficas, a influência da biografia e do contexto histórico nas escolhas metodológicas, e a complexidade de ensinar e aprender a fazer pesquisa de campo, que se constitui como um processo singular, e, como destacou Peirano, impossível de ser completamente ensinado, apenas vivido.

Referências

- Alves, Carolina, e Daniele Amado. 2024. “Reconfigurando práticas: novas abordagens na organização de arquivos pessoais no CPDOC”. Em *Arquivos pessoais: experiências no CPDOC*, organizado por Celso Castro, Martina Spohr e Thais Blank, 82-96. Editora FGV.
- Artières, Philippe. 1998. “Arquivar a própria vida”. *Estudos Históricos* 11 (21): 9-34. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061>
- Cruz, Adelina, e Carolina Alves. 2024. “Mulheres no CPDOC: entre fundadoras e titulares de arquivos”. Em *Arquivos pessoais: experiências no CPDOC*, organizado por Celso Castro, Martina Spohr e Thais Blank, 13-28. Editora FGV.
- CPDOC. 1998. *Metodologia de organização dos arquivos pessoais: a experiência do CPDOC*. 4. ed. Editora FGV.
- Cunha, Olívia Maria Gomes. 2004. “Tempo imperfeito: uma etnografia de arquivo”. *Revista Mana* 10 (2): 287-322.
- DaMatta, Roberto. 1970. “Apinayé Social Structure”. Tese de Doutorado, Harvard University.
- _____. 1975.09.26. Carta de Roberto da Matta a Mariza Peirano. Arquivo Mariza Peirano. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro. https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=FGV_MP_CA&hf=www18.fgv.br&pagfis=448
- _____. 1976. *Um Mundo Dividido. A estrutura social dos índios Apinayé*. Vozes.
- _____. 1978. “O ofício do Etnólogo ou como ter Anthropological Blues”. *Boletim do Museu Nacional* 27: 1-15. <https://revistas.ufrj.br/index.php/bmna/article/view/49240>
- Ferreira, Marieta, Celso Castro e Lúcia Lippi. 2001. “Entrevista com Gilberto Velho”. *Estudos Históricos* 28: 183-210. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2140>
- Heymann, Luciana. 2013. “Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica”. Em *Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*, organizado por Luciana Heymann, Joëlle Rouchou e Isabel Travancas, 67-76. Editora FGV.
- Malinowski, Bronisław. 1984. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Abril Cultural.

- _____. 1997. *Um diário no sentido estrito do termo*. Record.
- Martins, Priscila Rosa, Rosane Suely Alves Lunardelli e Diana Vilas Boas Souto Aleixo. 2023. "Organização de arquivos pessoais: uma revisão de teoria e práticas". *OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo* 2 (2): 85–108. <https://doi.org/10.29327/263416.2.2-6>
- Nassar, Paulo, Luiz Alberto de Farias, Ana Cláudia P. T. Andreussi, e Gustavo O. F. Curcio. 2023. "Da casa para a rua: entrevista com Roberto DaMatta". *Interfaces da Comunicação* 1 (1): 1-14. <https://doi.org/10.11606/issn.2965-7474.v1i1p1-14>
- Oliveira, Roberto Cardoso. 1968. *Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terena em uma sociedade de classes*. Zahar Editores.
- _____. 1980.03.06. Carta de Roberto Cardoso de Oliveira a Mariza Peirano. Arquivo Mariza Peirano. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro. MP: 9-10. https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=FGV_MP_CA&id=4987306119815&pagfis=203
- Oliveira, Amurabi, e Inaê Barbosa. 2019. "Aprender e ensinar a fazer uma antropologia dos arquivos". *Debates em Educação* 11 (23): 405-415. <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n23p405-415>
- Peirano, Mariza. 1973. Caderno de campo. Arquivo Mariza Peirano. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro. MP va 1973 (pasta I): 140-215. https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=FGV_MP_VA&hf=www18.fgv.br&pagfis=2199
- _____. 1975. "A reima do peixe: Proibições alimentares numa comunidade de pescadores". Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília.
- _____. 1981. "An anthropology of anthropology. The Brazilian case". Ph.D. Dissertation, Harvard University.
- _____. 1991. "O antropólogo e suas linhagens". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 6 (16): 43-50.
- _____. 1995. *A favor da etnografia*. Relume-Dumará.
- _____. 2014. "Etnografia não é método". *Horizonte Antropológico* 20 (42): 377-391.
- Serafim, Amanda. 2023. "As relações entre a antropologia e os arquivos vista através do fundo Roberto Cardoso de Oliveira". *Revista Temáticas* 31 (61): 116-146. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v31i61.17359>
- Velho, Gilberto. 1968. Caderno de campo. Arquivo Gilberto Velho. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro. GiV aa 11: 1-130. https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=GiV_AA&hf=www18.fgv.br&pagfis=1
- _____. 1973. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Zahar.
- _____. 1981. "Observando o familiar". Em *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*, 121-132. Zahar Editores.
- _____. 1982. Carta de Gilberto Velho a Paulo Henrique Amorim. Arquivo Gilberto Velho. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio e Janeiro. https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=GiV_C&hf=www18.fgv.br&pagfis=1984
- _____. 1982. Carta de Gilberto Velho a Luis Antonio Amorim Garcia. Arquivo Gilberto Velho. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro. GiV c 13 (pasta III): 142. https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=GiV_C&hf=www18.fgv.br&pagfis=1989
- _____. 1998. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. FGV Editora.